

Caos metódico



Theo Marques/Folhapress

# Caos metódico

**Por Luiz Bras**

**NOVO ROMANCE DE CRISTOVÃO TEZZA, "O PROFESSOR" É NARRATIVA ENGENHOSA SOBRE A INEVITÁVEL DECREPITUDE**

**A**utobiografia e ficção às vezes andam de mãos dadas na literatura de Cristovão Tezza. O exemplo mais óbvio é o premiadíssimo "O Filho Eterno", de 2007, sobre a difícil relação de um pai e seu filho com síndrome de Down.

A problemática vida literária, que o escritor conhece tão bem, comparece no romance "Um Erro Emocional" (2010) e nos

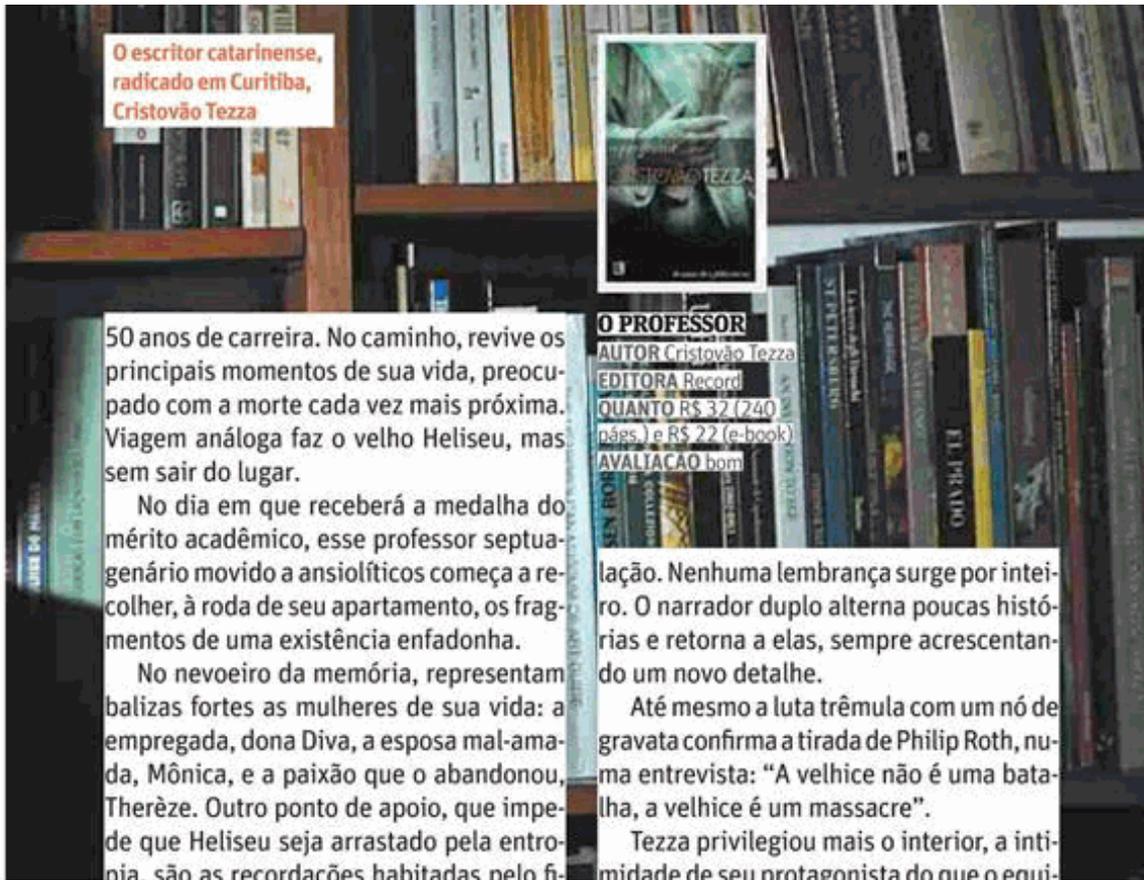
contos de "Beatriz" (2011). E há ainda a não menos problemática vida acadêmica, à qual o hoje ex-professor de linguística pertencia tempos atrás.

Logo nos primeiros capítulos, percebe-se que "O Professor" é o romance mais bergmaniano de Tezza. Isso significa uma vitória, mas também um grande risco.

O professor de filologia românica Heli-seu Silva é uma alma gêmea do professor de medicina Isak Borg, de "Morangos Silvestres". À semelhança do clássico de Bergman, a narrativa esfumada de Tezza, quase em preto e branco, viaja ao passado para um ajuste de contas.

No filme de 1957, o velho Isak vai de Estocolmo a Lund para receber o grau honorário da Universidade de Lund, por seus

Caos metódico



O escritor catarinense, radicado em Curitiba, Cristovão Tezza

50 anos de carreira. No caminho, revive os principais momentos de sua vida, preocupado com a morte cada vez mais próxima. Viagem análoga faz o velho Heliseu, mas sem sair do lugar.

No dia em que receberá a medalha do mérito acadêmico, esse professor septuagenário movido a ansiolíticos começa a recolher, à roda de seu apartamento, os fragmentos de uma existência enfadonha.

No nevoeiro da memória, representam balizas fortes as mulheres de sua vida: a empregada, dona Diva, a esposa mal-amada, Mônica, e a paixão que o abandonou, Therèze. Outro ponto de apoio, que impede que Heliseu seja arrastado pela entropia, são as recordações habitadas pelo filho que o despreza, Duda.

Potencializando a confusão mental do protagonista, a narrativa alterna persistentemente, sem aviso, a primeira pessoa e a terceira. Tezza aproxima-se, dessa maneira, de três mestres do discurso indireto livre: José Saramago, António Lobo Antunes e Evandro Affonso Ferreira.

Em romances como "Memorial do Convento" (1982), "As Naus" (1988) e "Minha Mãe se Matou sem Dizer Adeus" (2010), o trio criou os memorialistas mais mordazes e ranzinzas da literatura de língua portuguesa.

O aspecto mais interessante de "O Professor" não são a trama trivial ou os conflitos íntimos, típicos do romance moderno e de seu apego ao cidadão comum. É a alternância de narrador. É certo caos metódico, que reforça a senilidade de Heliseu. Caos desenhado com elegância, que segura firme a mão do leitor, não deixando que este se perca.

O romance é atravessado por uma saborosa atmosfera de suspense, pois as situações são oferecidas em partes, por acumu-

**O PROFESSOR**  
AUTOR Cristovão Tezza  
EDITORA Record  
QUANTO R\$ 32 (240 págs.) e R\$ 22 (e-book)  
AVALIACAO bom

lação. Nenhuma lembrança surge por inteiro. O narrador duplo alterna poucas histórias e retorna a elas, sempre acrescentando um novo detalhe.

Até mesmo a luta trêmula com um nó de gravata confirma a tirada de Philip Roth, numa entrevista: "A velhice não é uma batalha, a velhice é um massacre".

Tezza privilegiou mais o interior, a intimidade de seu protagonista do que o equilíbrio entre sujeito e sociedade, entre o particular e o coletivo. No passado, uma boa fatia da história recente do país reboiou lascivamente diante de Heliseu, sem jamais conseguir penetrar sua consciência. Oscilações políticas e sociais nunca lhe interessaram.

Heliseu não dá a mínima para as maquinções da ditadura militar ou do Plano Collor. Maior importância têm as picuinhas do departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e dos áridos estudos filológicos. Dominam suas rumações não a campanha pelas Diretas Já, mas o desejo pela distante Therèze (20 anos mais jovem que ele), a homossexualidade do filho e a morte trágica da mulher.

A inflexão bergmaniana começa a pesar demais no terço final do romance, em que o processo cumulativo do narrador duplo já não surpreende e certa rotina passa a dominar. Também o desenlace podia ser menos previsível. Mas esse detalhe está longe de ser um problema, numa narrativa tão engenhosa sobre a vida minúscula e a inevitável decrepitude.